

Recessão pode prejudicar projetos

Mais do que dinheiro, a capacitação tecnológica das empresas brasileiras dependerá de criatividade, opina o economista Mauro Arruda, para quem a recessão, combinada com a política de liberalização das importações, dificultará a obtenção de tecnologia dos países industrializados. Segundo ele, o Brasil não conseguirá atrair investimentos estrangeiros que representem transferência de tecnologia enquanto não tiver um mercado consumidor forte. Além disso, os gigantes mundiais dificultam o acesso à tecnologia. Furar estes bloqueios exigirá, portanto, soluções alternativas como a instalação de centros de pesquisa no exterior, como estão fazendo a Metal Leve, a Cofap e a Gradiente.

Mauro Arruda explica que a absorção de tecnologias via **joint-ventures** (associações) entre empresas estrangeiras e nacionais ficará dificultada até que o País volte a crescer e que tenha um mercado consumidor em expansão, o que passará por um processo de redistribuição de renda. Além disso, se as multinacionais podem simplesmente exportar para o Brasil, facilitadas pela liberalização econômica do País, para que montar filiais aqui?

A compra também é dificultada pelo fato de que os Países que a têm dificultam o acesso a ela. Então, a solução será a pesquisa própria, o que exige muito tempo e dinheiro e não significa que o Brasil terá que "reinventar a roda", como diria o ex-Ministro Mário Henrique Simonsen.

Exemplo disso é o que já estão fazendo algumas empresas de capital nacional que preferiram aproveitar a

infra-estrutura e o material humano existentes no exterior, do que começar do zero no Brasil. A Cofap — Companhia Fabricadora de Peças, do empresário Abraham Kasinski, está desenvolvendo tecnologias em um centro de pesquisa montado por ela na Alemanha. A Metal Leve, de José Mindlin, nos Estados Unidos e a Gradiente, do empresário Eugênio Staub, escolheu o Japão para buscar os segredos do que há de novo em eletrônica.

Há outros casos de empresas que preferem ir diretamente à fonte para beber o melhor em termos de tecnologia, mas de forma diferente: através do treinamento de pessoal. É o caso da Brahma, empresa controlada pelo grupo Garantia, que prefere enviar seus profissionais à Alemanha.

Outra saída é a associação entre empresas, para pesquisar e desenvolver tecnologia, de forma a reduzir os custos. Esta já é uma prática comum em todo o Mundo, explicou Arruda. Ele admite, porém, que o desenvolvimento tecnológico é um processo lento e que as empresas devem buscar, no curto prazo, se organizar internamente, de forma a reduzir custos.

Arruda acredita que o novo modelo de industrialização brasileiro deve tentar suplantar o processo de globalização da economia mundial, fruto da ação dos oligopólios internacionais, que dificultam o acesso à tecnologia. Ele destaca que no processo de substituição de importações, que vigorou até agora, a lógica era inversa: o fechamento do mercado é que conduziria ao avanço tecnológico.